
SOBRE A FORMAÇÃO DO ANALISTA: PRESSUPOSTOS PARA A PRÁTICA CLÍNICA

ABOUT THE FORMATION OF THE ANALYST: REQUIREMENT FOR THE CLINIC PRACTICE

Thaís Rodrigues Miranda¹
Camila de Araujo Antonio²

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo descrever os principais pressupostos da teoria psicanalítica para o pleno exercício da prática clínica, segundo as recomendações de Freud. Tendo em vista que a formação do analista é constituída pelo tripé: análise pessoal, análise de controle e estudo teórico, é interessante descrever como os principais autores, tais como: Quinet (1991; 2009), Freud (1919; 1912), Alonso (2015) consideram a passagem por esses dispositivos, condições imprescindíveis para a formação em psicanálise. A metodologia utilizada para o desenvolvimento do trabalho foi a pesquisa bibliográfica e os resultados apontam que sem a formação, ainda que desregulamentada, o analista não se constitui e conseqüentemente não sustenta sua prática.

49

Palavras-chave: Psicanálise. Análise. Supervisão. Formação.

ABSTRACT

This study aims to identify and describe the main assumptions of psychoanalytic theory for the practice of psychoanalysis, with a view on the one hand that this is how the analyst is formed. Therefore the text will present who is the analyst who researches psychoanalysis, as it happens its formation and its relation with the clinical practice. For this analysis will be used especially authors who research on the training, such as: Quinet (1991; 2009), Freud (1919; 1912), Alonso (2015). The methodology used for the development of the work was the bibliographical research and the results indicate that without training, even if deregulated, the analyst does not sustain and does not support his practice.

keywords: Psychoanalysis. Analyze. Supervision. Training.

¹ Discente da especialização em Psicoterapia Psicanalítica – Centro Universitário Filadélfia. E-mail: thaís.rm.d@hotmail.com

² Especialista em Psicologia Clínica – UEL; Especialista em Psicodinâmica do Trabalho- UnB Mestranda em Psicologia Social e Institucional- UEL; Docente do curso de especialização em Clínica Psicanalítica - Centro Universitário Filadélfia ; Supervisora Clínica, orientadora da especialização em Psicoterapia Psicanalítica- Centro Universitário Filadélfia. E-mail: camila_araujo2@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Este texto é um trabalho de conclusão do curso de Pós- Graduação em Psicoterapia Psicanalítica do Instituto Filadélfia de Londrina e se propõe a identificar e descrever os principais pressupostos da teoria psicanalítica imprescindíveis para o exercício profissional da prática clínica.

A justificativa para o desenvolvimento desta temática decorre do fato de que ao se aprofundar nos estudos teóricos torna-se possível aprimorar a prática clínica, e também preparar-se teoricamente para dar continuidade ao desenvolvimento acadêmico do analista pesquisador.

Para que seja possível estender a discussão a respeito da formação acadêmica para a prática clínica, deve-se levantar um questionamento a respeito de quem é o analista que pesquisa sobre psicanálise? Quando o estudante da psicanálise avança nos estudos a respeito da teoria psicanalítica, distancia-se das teorias psicológicas, assim como o analista também vai se diferenciando do profissional psicoterapeuta.

Sabemos desde Freud, que quando pensamos em formação do analista, em psicanálise, estamos falando de um tripé que a sustenta. O autor nos aponta os dispositivos necessários àqueles que querem exercer a psicanálise. No entanto, não é novidade para quem se interessa em estudá-la e praticá-la que não existe um manual padronizado e sistematizado a se seguir, nem uma instância reguladora e fiscalizadora do cumprimento de tais apontamentos feitos pelo mestre. Sendo assim, justificamos a relevância desse texto com base nessa despadronização que é a formação do psicanalista, e ainda, no reflexo da prática clínica que possui a formação do analista.

Este trabalho será fundamentado em uma pesquisa teórica, pois, assim como a pesquisa empírica, esta é “indispensável, como formulação de quadros explicativos de referência, burilamento conceitual, domínio de alternativas explicativas na história da ciência, capacidade de criação discursiva e analítica” (DEMO, 1992, p. 21).

Para este autor:

Aquele que insiste na estringência conceitual, sabe perseguir análises e interpretações, conhece caminhos diferentes de tentativa explicativa, guarda vivo senso crítico dos vazios de toda e qualquer teoria, retorna à teoria no contexto de qualquer prática, toma explicação como desafio sempre a ser recomeçado, aceita todo ponto de chegada como inevitável próximo ponto de partida (DEMO, 1992, p. 23).

Tendo em vista a importância da pesquisa teórica para a comunidade científica, as fontes desse trabalho serão lidas e resumidas a fim de responder a questão problema que é descobrir a relação da formação do analista com a sua prática clínica.

QUEM É O ANALISTA? E COMO ACONTECE A SUA FORMAÇÃO?

Para iniciar essa reflexão tentaremos demonstrar como acontece a formação do psicanalista. Nossa intenção não é apenas refletir acerca do tripé considerado a base da formação do analista, mas, para além disso, identificar sua relação com a prática clínica. Neste sentido vale ressaltar a importância de se considerar o objetivo que leva o analista a desejar exercer a psicanálise, tendo em vista que na mesma medida que a psicanálise se diferencia da psicologia, o analista também se distancia do terapeuta, uma vez que o analista se ocupará da escuta do sujeito, este sujeito do inconsciente na qual a psicologia e o terapeuta não se encarregam. Sendo assim, Lopes (2008, p. 266) afirma que:

A psicanálise não pretende tomar a realidade psíquica como obstáculo epistemológico que deve ser eliminado, mas como a única realidade possível. Sua tarefa é localizar o que comparece como obstáculo para o sujeito, reintroduzi-lo no campo do pensamento e manejá-lo de um modo diferente do da ciência para dissolver o inconsciente, reduzi-lo à sua estrutura mínima, separando o inconsciente como saber mítico, que mortifica o sujeito porque recalca o campo do desejo, e seu ponto de origem (Urverdrängung), o significante que afeta o corpo e o vivifica. Não se pode trazer à luz o sujeito da ciência, sujeito da criação, senão pelos caminhos do sujeito do inconsciente.

Essa afirmação propõe uma reflexão a respeito da diferença do sujeito da psicanálise e do sujeito da ciência moderna, o qual a psicologia se ocupa. Pois a descoberta do inconsciente coloca o profissional que pretender atuar dentro das normatividades da psicanálise em um campo epistemológico diferente. Dentro da perspectiva psicanalítica, considera-se o sujeito ao invés do indivíduo. O sujeito é

considerado como dividido entre duas verdades, a consciência e a verdade do inconsciente.

Como já sabemos e nos aponta Quinet (2009, p.91) “A formação do analista é necessária e estranhamente desregulamentada e está, em sua essência, referida e pautada pela psicanálise pura - a análise que produz um analista”. O autor ainda ressalta que a formação do analista, para Lacan, se dá a partir das formações do inconsciente.

Para Lacan, o analista não é uma pessoa, mas, uma função, na qual faz-de-conta de objeto a.

O objeto a é aquele objeto que, estando fora da cadeia significante, a orienta. É o objeto que sustenta a metonímia do discurso, de significante em significante. É o objeto que dá a característica do desejo como ‘sendo sempre desejo de outra coisa’, objeto que rola na cadeia e que só pode corresponder ao intervalo significante. [...] O objeto a tem em si a estrutura do corte, assim, um objeto só pode ocupar a função de objeto a se é passível de ser recortado da superfície do corpo, adquirindo valor de objeto destacado, perdido (QUINET, 1991, p. 69).

52

Neste sentido é que o autor escreve uma das funções do analista, em ser o semblante do objeto a para outros sujeitos. “O objeto a de Lacan no âmago da formação analítica situa em seu centro a interpretação da pergunta “o que é o analista?”. (QUINET, 2009, p. 92). Diante disto é que Lacan no seminário sobre o Ato Analítico sustenta que o analista é o produto do fim de uma análise, e recebe a qualificação de analista quando, em sua própria análise se destitui como analisante para se instituir como analista, que na prática clínica significa, conseguir bancar o lugar de objeto causa de desejo.

Não obstante o analista é aquele que em sua própria análise buscou liquidar sua fantasia, como propôs Freud, é aquele que foi capaz de fazer a travessia da fantasia, de sua própria história. “...o fim da partida, quando se dá a ‘metamorfose do sujeito’, pode ser articulado ao ato analítico a partir de duas expressões utilizadas por Lacan: a destituição subjetiva e a travessia da fantasia”. (QUINET, 1991, p.102). Como já sabemos, em uma análise, existe lugar apenas para o sujeito do inconsciente do analisante que fala, o analista, pois, deve ausentar-se como pessoa e dos efeitos do discurso do sujeito que fala sobre a sua pessoa, para não competir com o analisante por esse lugar de fala.

A destituição subjetiva é o que permite o analista ausentar-se como pessoa, e assumir sua função de escuta. Essa destituição subjetiva foi um processo que percorreu durante sua própria análise. “A destituição subjetiva corresponde à queda dos significantes-mestres que representavam o sujeito, significantes de identificação ideal advindos do Outro [I(A)]” (QUINET, 1991, p. 102). A consequência clínica dessa operação do sujeito é que irá destituir também, o sujeito suposto saber, ou seja, o analista perderá a causa da transferência, o analista perde o seu valor, tão precioso no início da análise, para adquirir valor de sobra e dejetado do processo analítico. “É esse final de análise quando o analisante conduzindo a análise de outros sujeitos, possa também ser largado no final como o dejetado da experiência” (QUINET, 1991, p.103).

Sobre a travessia da fantasia, que é o outro conceito que Lacan escreve quando fala sobre o fim de análise, Quinet (2009, p. 159) afirma que:

Ao constituir o quadro da realidade do sujeito, a fantasia está no fundamento de sua posição nas situações de sua vida e nas relações com seus semelhantes, dando-lhe um pattern de comportamento e gozo. Dai a indicação de Freud de que as “fantasias devem ser liquidadas” em uma análise, ou, como diz Lacan, o sujeito deve chegar à travessia da fantasia para poder ir para além desse quadro e experimentar-se fora desse padrão. Condição para levar um outro à sua travessia, ou seja, condição para ser analista.

53

Em outras palavras este autor nos explicará que a travessia da fantasia e a destituição subjetiva são correspondentes, pois:

A fantasia é o que dá o enquadramento da relação do sujeito com a realidade: sua janela para o mundo. É dela que o sujeito tira a segurança do que fazer diante das situações que a vida lhe apresenta. A análise ao levar o sujeito a atravessar a fantasia, promove um abalo e uma modificação, nas relações do sujeito com a realidade, levando-o a uma zona de incerteza, pois ele é largado pela âncora da fantasia, liberado das amarras das identificações que mapeavam sua realidade [...]. Esse sujeito destituído encontrará sua certeza em seu ser de objeto (QUINET, 1991, p. 104).

Diante dessa citação do autor vemos que uma das condições para se tornar um analista é que este tenha passado pela sua própria análise pessoal, e apesar das divergências entre algumas escolas em relação à formação, é consenso entre elas a necessidade de análise pessoal para a formação do analista. Esta concordância se dá uma vez que reconhecemos que não será de maneira intelectual

o acesso ao objeto da psicanálise, mas sim pela experiência. “O Analista deve ser ‘suficientemente’ destituído de sua própria subjetividade para poder exercer sua função enquanto tal” (QUINET, 2009, p 121).

E para além disso, em seu texto Sobre o Ensino da Psicanálise na Universidade, Freud (1919) nos revela que além da própria análise, aquele que se interessa pela psicanálise encontrará sua base também com estudo teórico e supervisão quando diz que:

Porque o que ele necessita, em matéria de teoria, pode ser obtido na literatura especializada e, avançando ainda mais, nos encontros científicos das sociedades psicanalíticas, bem como no contato pessoal com os membros mais experimentados dessas sociedades. No que diz respeito à experiência prática, além do que adquire com a sua própria análise pessoal, pode consegui-la ao levar a cabo os tratamentos, uma vez que consiga supervisão e orientação de psicanalistas reconhecidos (FREUD, 1996, p.187).

Feitas estas considerações, podemos partir para a reflexão a cerca de cada um dos pontos que formam o tripé da formação do analista para podermos avançar no intuito de verificar qual a sua relação com a prática clínica.

54

“O que é o psicanalista? pergunta que jamais terá uma resposta universal e que só pode ser respondida um a um, pois o analista, como uma entidade ou ideia a ser encontrada em um sujeito não existe” (QUINET, 2009, p. 105).

Se o analista é um ser destituído de subjetividade, ele não é senão uma função. Porém para sustentar essa posição de função, deve obedecer às advertências de Freud (1919/1996) quando recomenda o tripé: Análise pessoal, supervisão de caso clínico e estudo teórico. Esses três aspectos serão analisados separadamente a seguir.

ANÁLISE PESSOAL

Como já foi apontado anteriormente, é consenso entre os analistas de que a análise pessoal é condição essencial para quem quer exercer a psicanálise. “É no espaço da própria análise que o analista irá fazer a experiência singular do inconsciente atualizado na transferência, adquirindo assim um saber que não está nos livros, já que se trata da verdade totalmente única e singular do sujeito” (ALONSO, 2005, p. 168).

Freud (1912) em *Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise* adverte de antemão, quando inaugura as discussões no que diz respeito à formação do analista, que aqueles que pretendem exercer a psicanálise, devem antes, terem sido analisados, pois quem não assim o fizer, poderá projetar em seus pacientes elementos que lhe são próprios. Diante disso alerta para o perigo de conduzir a análise do paciente baseando-se na própria análise e desviar-se do inconsciente do paciente. Recomenda ainda, que o analista mostre apenas o que lhe é mostrado, ou seja, escute e aponte apenas o que é dito pelo paciente.

A análise do analista se faz imprescindível, pois “tornar-se analista é, como diz Freud, descobrir a psicanálise por conta própria” (ANZIEU, 2006, p.293), ou seja, um analista se produz em sua própria análise. Ainda que existam universidades, e grupos de estudo, Seminários, onde aquele que deseja saber de psicanálise procura, é de fato em sua própria análise que um sujeito conhece a psicanálise.

O analista implicado em sua formação procura desenvolver uma visão pessoal da clínica e da apropriação teórica e técnica em questão, busca forjar para si uma linguagem para comunicar-se com seus pacientes, para transmitir suas experiências e para articular os conceitos fundamentais da psicanálise (BOUWMAN, 2009, p. 95).

55

Assim como o autor nos aponta que cada analista irá a seu modo desenvolver seu estilo, é na experiência de sua própria análise que irá vivenciar as oportunidades de articular os saberes e conceitos da psicanálise que lhe foram transmitidos. Uma vez que é no divã que se experimenta o inconsciente, e, é na fala, proporcionada pela associação livre que se cria o inconsciente. Por esta razão o divã é o meio pelo qual o analista entra em contato com o inconsciente.

Por fim, em seu Seminário sobre o Ato Analítico (1967-1968) Lacan também ressalta que a condição de tornar-se analista é o efeito de sua própria análise. E segundo destaca Jerusalinsky (2013) sobre a formação, a experiência da própria análise, ao fazer o atravessamento da fantasia, ou do seu fantasma, lhe permite sustentar-se nas variabilidades do significante, após ter experimentado o despedaçamento de seu narcisismo. E que o fim de análise acarreta uma mudança na relação com o saber, uma vez que o analista deixa de sustentar, com sua presença o fantasma do analisando. O analisante ao fim de sua análise destitui o

analista desse lugar de sujeito suposto saber, e tem condições de sustentar e suportar o objeto a, que é o resto, como já foi apontado anteriormente.

O estilo do analista presente no ato analítico é suportado pelo saber lidar com o *sinthoma*, expressão utilizada por Lacan para definir o final de análise, saber lidar com a castração. Esse saber lidar se articula com o saber inconsciente: tanto o saber sobre seu Inconsciente quanto o saber sobre o Inconsciente do analisante. Trata-se de um estilo vinculado ao desejo do analista que, segundo Lacan, não é um desejo puro, mas sim o desejo de se obter a pura diferença absoluta, que corresponde ao S1, produto de uma análise (QUINET, 2009, p.181).

Reconhecemos então a inegável relevância da análise do analista diante do desejo do analista como produto final da análise.

SUPERVISÃO

O tema supervisão é um dos assuntos polêmicos quando pretendemos estudar psicanálise, tendo em vista que encontramos mais de uma abordagem para supervisão.

56

Nosso intuito neste trabalho não é nos aprofundarmos em descrever as diferentes abordagens que encontramos para supervisão. Nosso interesse é demonstrar a relevância dessa prática para o analista, e ainda no que esta prática irá se relacionar com a pesquisa em psicanálise.

De acordo com Poli e Schneider (2015, p. 153) “seu estatuto segue indefinido: não se trata somente de um ensino teórico, nem unicamente da transmissão de uma técnica: situa-se propriamente na interseção dos dois campos, enlaçados no geral da teoria interrogada pelo singular da clínica”. Diante dessa definição dos autores podemos nos questionar, sobre o por quê de um analista procurar a outra analista para falar de sua prática? Quinet (2009, p. 124) nos responde que “segundo Lacan, não há prática que prescindia de supervisão (ou controle), e a prática psicanalítica não está fora disso”.

A supervisão não é uma visão superior, mas segundo Lacan, uma segunda visão ou uma ‘*subjetividade secundária*’, na qual o supervisor tem uma visão panorâmica do caso traduzido e da relação do analisante com o analista/supervisor, assim como dos impasses deste na condução do tratamento (QUINET, 2009, p. 126).

De acordo com o autor, é possível ao supervisor que este tenha uma visão panorâmica do caso, tanto no que diz respeito ao tipo clínico do paciente, quanto à prática do analista, ou seja, o ato analítico, ou sua ausência por parte deste analista. E isto é possível, pois o supervisor se encontra fora da transferência entre o analista e seu paciente e pode então orientar ou reorientar o analista sobre a direção do tratamento.

Ao levar um caso para supervisão, um analista tem a oportunidade para se confrontar com as demandas que vão surgindo ou mesmo os próprios desejos que vão sendo despertados, bem como seus desejos de curar, de reconhecimento e até de comandar (QUINET, 2009).

O supervisionante pode também demandar supervisão para interrogar sua relação com o ato analítico e com o desejo do analista em momento de vacilação deste. Trata-se, às vezes, de um caso em que ele não consegue se orientar na direção do tratamento, ou se confunde com as associações de seu analisante, ou com o amor de transferência que lhe é endereçado. Ele sente dificuldade de se ausentar como sujeito de desejo e deixa vago seu lugar de semblante de objeto a, sem conseguir captar exatamente o que está em questão. (QUINET, 2009, p. 127)

57

Neste sentido cabe ao supervisor reorientar o analista na direção do ato, bem como da destituição subjetiva operada em sua própria análise. Não obstante cabe a ele orientar o analista a retomar sua própria análise, se esta tiver sido interrompida ou mesmo terminada. Segundo aponta Quinet (2009, p. 128): “Cabe ao supervisor apontar, a partir desses lugares, a resistência do analista: resistência a ocupar para aquele sujeito-analisante a posição de semblante do objeto a”.

O autor ressalta que a supervisão é a via pela qual o analista irá realizar a elaboração de saber. Uma vez que ao marcar a supervisão com outro analista, este terá que retomar o caso, pensa-lo novamente, retomar as questões históricas e transferenciais do caso. Este encontro com o supervisor se constitui então, também como possibilidade de expor sua elaboração de saber.

Como sabemos a prática da supervisão não é uma regra a ser seguida e não possui um manual com o passo a passo de como exercê-la, pois, assim como a clínica é a experiência singular de cada sujeito, assim também é o seu efeito na prática da supervisão.

Por fim, Quinet (2009, p. 124) nos diz que “se a supervisão não é obrigatória, ela é, no entanto, aconselhável ao analista que se autoriza por si mesmo a receber

em análise sujeitos que o demandam. Na Escola de Lacan, a supervisão não é imposta, mas se impõe como dever ético”

ESTUDO TEÓRICO

Relativo a este tópico, será discorrido a respeito da transmissão da teoria psicanalítica, pois de acordo com autores pesquisados, o conhecimento teórico também se faz necessário e tendo em vista que “O discurso do analista, diz Lacan, não pode ser sustentado por um só” (QUINET, 2009, p. 114)

Ainda com relação à importância do ensino e transmissão da psicanálise, Cumiotto (2005, p. 60), diz:

Dado o contexto, podemos pensar que o modo como a psicanálise é apresentada ao sujeito produz efeitos em sua formação. Consideramos que o primeiro contato com o analista, ou com a teoria, consistem numa espécie de S1, numa primeira marca na trajetória de formação desse sujeito. Entendemos que o modo como o analista acolhe e responde a uma questão teórica produz efeitos na trajetória de uma formação.

58

A autora nos atenta para a diferença entre ensino e transmissão em psicanálise, pois o que vemos acontecer é a difusão do conhecimento e da teoria psicanalítica, sem essencialmente transmiti-la, pois esta segunda implica na produção do saber inconsciente.

Deste modo, ao nos constituirmos no e pelo discurso, não nos parece irrelevante a atual demanda de informações e de conhecimento-preferencialmente sem nada saber- tão característico da atualidade. Consideramos essa demanda por informação e conhecimentos, de preferência, quanto mais rapidamente se der, melhor; e, ainda, sem a ocorrência de angústia ou de sofrimento, quando referida à teoria psicanalítica, produz justamente efeitos contrários aos esperados, já que, inevitavelmente, tem como resultado a produção de inibição e fascínio (CUMIOTTO, 2005, p. 61).

Diante disso, podemos afirmar que encontramos na atualidade, uma passividade na posição de quem procura conhecer a psicanálise, e também a condução do trabalho de quem transmite a teoria, não tem colocado o sujeito a trabalhar.

Quem demanda aprender costuma interpelar o ensinante em relação a um texto. Nesse ponto não é relevante o saber de quem fala (o analista ensinante) senão o saber de um texto. É, nesse pôr a trabalhar a quem demanda saber, na dupla direção em que achará o saber pelo qual,

aprendente e ensinante, interrogam: a) o saber que contém o texto e suas fraturas, b) o saber inconsciente ao qual somente a análise poderá dar conta (JERUSALINSKY apud CUMIOTTO, 2005, p. 63).

Neste sentido podemos concluir que o trabalho de formação em psicanálise deve se basear, não como nos moldes pedagógicos de formação, seguindo o discurso do mestre, mas no sentido contrário, “deve impulsionar o trabalho de quem deseja saber. Por isso, a importância da transmissão das fraturas do texto, pois parece que aí reside um elemento fundamental, que consiste na relação do analista com a teoria e com o saber inconsciente” (CUMIOTTO, 2005, p. 63). Com relação ao ensino e transmissão que para a psicanálise existe à partir do desejo de saber Quinet (2009, p. 55) complementa:

O ensino da psicanálise deve ser pensado a partir da posição do analisante: quem ensina é o sujeito dividido. Assim, como o analisante elabora o saber inconsciente em sua própria análise, o ensinante é um trabalhador cuja construção de saber é ordenada por aquilo que não sabe, mas interroga.

Sabemos, a partir das recomendações de Freud e Lacan, de que no percurso de uma sessão, o analista deve abster-se de seu saber, pois daquele sujeito, ele nada sabe. “Se, por um lado, o analista está referenciado à teoria, por outro, quando estiver escutando um paciente, terá que escutar o Outro de seu paciente, não o Outro do discurso analítico” (CUMIOTTO, 2005 p. 59). Também neste sentido acontece a formação e o estudo do conhecimento teórico em psicanálise, pois segundo a mesma autora (2005, p. 65) “mesmo no momento em que o conhecimento da teoria esteja colocado e convocado a aparecer, ainda ali, é necessário que o analista e os sujeitos envolvidos nesse ensino possam se surpreender e não saber do que estão falando”.

Não obstante Quinet (2009, p. 40) afirma que “Transmitir o ensino de Lacan é uma forma de sustentar a causa analítica, além de sustentar a transferência analítica necessária para a condução de uma análise”.

Vale ressaltar que assim como a demanda de análise e o desejo de saber do seu inconsciente possui um tempo a se tornar uma questão, também deve-se levar em conta que o desejo de saber pela via do estudo teórico também demanda um tempo lógico do sujeito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabemos, quando decidimos trabalhar com a psicanálise, que sua formação não possui uma padronização que a regularize. Não possuímos nos dias atuais, uma formação em psicanálise única e universal que nos certifique e nos autorize a trabalharmos com a psicanálise. No entanto isso não significa que não existe uma seriedade e uma ética na formação do analista.

O que sabemos quando decidimos dar início aos trabalhos com a psicanálise, é que é recomendável ao analista fazer análise e participar de grupos de estudo. Atualmente a formação do analista, além das Escolas que se comprometem com a transmissão da psicanálise, acontece também nas Universidades, na qual o aspirante a se tornar psicanalista recebe uma formação para se tornar psicólogo e posteriormente ou paralelamente investe em seu trabalho com a psicanálise.

Lembrando que o psicólogo se encarrega das questões do sujeito da ciência moderna, o aspirante a analista deve buscar sua formação tendo como base essa diferença, pois irá trabalhar com a escuta do sujeito do inconsciente. A psicanálise não é uma ciência porque não caminha na direção do todo e busca o que é de mais singular para cada sujeito.

A intenção deste trabalho se voltou para esses principais pressupostos da teoria psicanalítica para o exercício da psicanálise, que são o tripé psicanalítico, composto por análise do analista, supervisão e estudo teórico, pois se faz relevante nos dias atuais nos questionarmos de que analista estamos falando quando decidimos trabalhar com a psicanálise. Uma vez que em nome da Psicanálise encontramos diversos cursos e formações com promessas de formarem analistas, mas que, no entanto, acabam articulando outros saberes, psicológicos, médicos e terapêuticos, que fogem da proposta de escuta psicanalítica.

A análise desfaz a mentira neurótica onde penso que eu sou, e é um grande erro quando vemos tentativas de psicologizar ou filosofar a psicanálise, pois trabalhamos com o sujeito pré-ontológico, ou seja, antes do ser. E então percorrer um caminho é fazer escolhas, uma análise é retificação subjetiva, ou seja, é

responsabilizar-se. A análise mostra que a realidade é resultado de um desejo. E a medida da cura em psicanálise é poder lidar com o Real sem sofrer disso, pois o Real que me determina é desconhecido por mim.

Sendo assim, podemos perceber com essa pesquisa a relevância da articulação desse tripé da formação do analista, para a sua prática clínica. Uma vez que um analista não se sustenta sem análise pessoal, supervisão ou análise controle e estudo teórico, pois a psicanálise é uma práxis, ou seja, é uma teoria aliada à experiência. E tendo isso em vista, é preciso teorizar sobre a prática (estudo teórico), contar para um analista de controle sobre o que pensou sobre a própria clínica e ainda buscar a própria análise, pois a análise pessoal permite esvaziar-se de si e o analista é uma função que uma pessoa que se analisa ou se analisou ocupa.

REFERÊNCIAS

Alonso, S. L. A apropriação das heranças no caminho da construção do analista. **Jornal de Psicanálise**, [s.l.], v. 38, n. 69, p. 168-176, 2005.

61

ANZIEU, D. **Psicanalisar**. São Paulo: Ideias e Letras, 2006.

BOUWMAN, Marcelo Wanderley. Desafios da formação psicanalítica: reflexões em torno da análise do analista. **Estudos de psicanálise**. Belo Horizonte, n. 32, p. 95-102, nov. 2009. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010034372009000100011&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 10 abr. 2018.

CUMIOTTO, Carla Regina. A transmissão e o ensino da teoria psicanalítica: Efeito informativos ou formativos no percurso da formação? **Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre**, Porto Alegre, n. 29, dez. 2005.

DEMO, Pedro. **Pesquisa: princípio científico e educativo**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1992.

FREUD, Sigmund. **Sobre o ensino de psicanálise nas universidades**. 1919. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Obras completas. v. 17.

FREUD, Sigmund. **Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise**. 1912. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Obras completas. v. 12.

JERUSALINSKY, Alfredo. Sete considerações breves sobre a formação do psicanalista. In: DUVIDOVICH, Ernesto (Org). **Diálogos sobre Formação e Transmissão em psicanálise**. São Paulo: Zagodoni, 2013. p. 32-36.

LACAN. (1967-1968). **O Ato Psicanalítico**. Publicação não comercial.

Lopes, Rosa Guedes. Quem é o sujeito da psicanálise? **Tempo psicanalítico**, Rio de Janeiro, v. 40, p. 249-272. Disponível em:

[http://www.spid.com.br/revistas/r40.2/03%20TP40.2%20-](http://www.spid.com.br/revistas/r40.2/03%20TP40.2%20-%20Rosa%20Guedes%20Lopes.pdf)

[%20Rosa%20Guedes%20Lopes.pdf](http://www.spid.com.br/revistas/r40.2/03%20TP40.2%20-%20Rosa%20Guedes%20Lopes.pdf). Acesso em: 25 ago. 2018.

POLI, Maria Cristina; SCHNEIDER, Venicius Scott. Sobre a supervisão em psicanálise: Relendo Freud a partir de Lacan. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 26, n.1, p.151-164, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pc/v26n1/10.pdf>.

Acesso em: 10 abr. 2018.

QUINET, Antonio. **As 4 + 1 condições da análise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.

QUINET, Antonio. **A estranheza da psicanálise**: A escola de Lacan e seus analistas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.